

Medos corriqueiros: em busca de uma aproximação metodológica

Mauro Guilherme Pinheiro Koury – UFPB

RESUMO

Este artigo busca realizar uma aproximação metodológica com a problemática do medo, partindo de uma hipótese central de que o medo é uma construção social significativa. Em toda e qualquer forma de sociabilidade o medo encontra-se presente como uma das principais forças organizadoras do social. O fenômeno do medo se coloca como fundamental para pensar os embates de configuração e processos de sociabilidades e de formação dos instrumentos da ordem e da desordem que desenham dialeticamente a ação dos sujeitos e grupos em relação. Processos estes que compreendem um jogo permanente de manutenção, conformação e transformação de ensaios sociais e individuais realizados sempre enquanto redes de conflito que informam e formulam um social em um tempo e em um espaço determinado.

Palavras-chave: Medo e Sociedade – Medos Corriqueiros – Indivíduo, Individualidade e Construção Social – Estranhamento, Inclusão e Exclusão Social – Redes de Conflito e Padrões Sociais.

ABSTRACT

This article looks for to accomplish a methodological approach with the problem of the fear, leaving of a central hypothesis that the fear is a significant social construction. In all and any sociability form the fear meets present as one of the main forces organisers of the social. The phenomenon of the fear is placed as fundamental to think the configuration conflicts and processes of sociabilities and of forma-

tion of the instruments of the order and of the disorder that draw as contradiction the action of the subjects and groups in relationship. Processes these that understand a permanent game of maintenance, adjustment and transformation of social and individual rehearsals always accomplished while conflict nets that inform and they formulate a social one in one time and in a certain space.

Key words: Fear and Society – Trivial fears – Individual, Individuality and Social Construction – Strangeness, Inclusion and Social Exclusion – Nets of Conflict and Social Patterns.

INTRODUÇÃO

Em toda e qualquer forma de sociabilidade o medo encontra-se presente como uma das principais forças organizadoras do social. Este ensaio busca realizar uma aproximação metodológica com a problemática do medo, partindo de uma hipótese central de que o medo é uma construção social significativa. O fenômeno do medo se coloca como fundamental para se pensar os embates de configuração e processos de sociabilidades e de formação dos instrumentos da ordem e da desordem que desenham dialeticamente a ação dos sujeitos e grupos em relação (KOURY, 1988, 1994; KOURY et al., 1989; ECKERT, 1997, 1998; GIACOMAZZI, 1997; TIRELLI, 1996). Processos estes que compreendem um jogo permanente de manutenção, conformação e transformação de ensaios sociais e individuais realizados sempre enquanto redes de conflito que informam e formulam um social em um tempo e em um espaço determinado.

Uma das questões levantadas neste trabalho, que tem a preocupação de compreender os mecanismos gestores e configuradores da construção de um social determinado, indaga o como e o porque se formam e se informam continuamente os processos de construção social da semelhança e da dessemelhança entre indivíduos e grupos sociais. Preocupa-se, deste modo, com as bases de afirmação e superação do estranhamento, e as estratégias projetivas em que se assentam as conformações discursivas do mal e do bem em uma sociabilidade específica. Processos aparentemente sentidos pelos que os vivenciam como polares, diferenciais e naturalizados pela existência dos sujeitos, idéias e coisas que os admitem e os assumem, e vistos aqui como opostos e complementares no estabelecimento de ações a afirmações socialmente dispostas e em permanente resignificação.

Discutir e compreender as bases da construção social do medo no imaginário do homem comum, como parte do pressuposto de que o medo é uma relação social significativa à compreensão das formações societárias, é o objetivo central deste ensaio. Uma análise sociológica e antropológica compreensiva sobre o medo como fundamento da construção e constituição societária, deste modo, tem que se interrogar, metodológica e teoricamente, sobre como se elaboram as bases para o estabelecimento dos códigos de conhecimento e confiança e os códigos de desconhecimento e falsidade em um social dado. Tem que examinar também, os termos práticos e simbólicos onde estão e em que são assentados estes códigos, nas configurações socialmente expressas em uma comunidade determinada.

Como se configuram e se estabelecem os pólos antagônicos e, simultaneamente, relacionais da mentira e da verdade em um social dado? De que forma os membros de uma determinada organização são levados a aceitarem ou rejeitarem, ou a serem aceitos ou rejeitados, posicionados ou estigmatizados? Perguntas necessárias e que perpassam a preocupação metodológica compreensiva para o reconhecimento e apreensão das complexas estruturas de hierarquias na construção cotidiana do

social, enquanto sinais de reconhecimento dos homens por si próprios e da imposição da semelhança ou de distância em relação aos demais. O medo, então, sendo visto e objetivado como um elo fundamental, enquanto conjunto informativo (GOFFMAN, 1988; LOTMAN, 1981; ELIAS, 1990/1993), compreensivo e organizativo, para o entendimento dos processos societários.

Este enfoque permite compreender as bases da construção social possível em um dado espaço e temporalidade singular, como produto da construção e constituição das relações reais e imaginárias dos homens, bem como sua conformação e naturalização, onde se assentam e se acentuam os códigos do silêncio e da discrição como significantes societários e socializadores (ELIAS, 1990/1993; FREITAS, 1996; KOURY, 2001). Códigos estes que fundamentam ou parecem recriar as práticas simbólicas do segredo enquanto mecanismo estruturador de ordenamentos sociais que unem indivíduos, grupos e fundam comunidades, e os elementos de proteção, de confiança e de confissão que alimentam e reforçam uma rede simbólica efetiva, ao mesmo tempo em que constroem os seus membros a um controle acima deles mesmos e sempre renovados enquanto prova de sua lealdade.

Não se busca no esforço metodológico aqui pretendido a configuração de um medo singular ou específico, mas sim, a compreensão do imaginário sobre o medo em uma sociabilidade dada. Imaginário formado e assentado em formulações banais e corriqueiras da ação social comum ou qualquer, que recria diuturnamente, informa e fundamenta as possibilidades de conformação de um conjunto societário específico.

O medo, assim, não pode ser compreendido metodologicamente apenas como ameaça, mas, também e, sobretudo, como uma possibilidade de uma nova articulação reativa. É entendido, portanto, como um dos fatores estruturadores fundamentais, entre outros, da construção social. Conceito de estruturação social através do medo aqui compreendido como uma dialética entre a ordem e a desordem, adquirindo no cotidiano da ação, rea-

ção e relação sociais um aspecto primordial de organizador de sociabilidades e de criação societária. O papel do conflito social é analisado aqui sob a ótica teórica e metodológica simmeliana.

Os estudos sobre o medo enquanto configurações social e psicológica normalmente se debruçam no espaço singular da atitude de retraimento e subordinação. Tratam, também, do processo disciplinar ou da paralisia social ou individual por ele provocado. A maioria dos estudos, porém, esquece, deixa de lado ou em segundo plano o aspecto transgressor e inovador, também, inerentes ao conceito. Este ensaio de aproximação metodológica, ao contrário, parte do princípio de que as relações entre indivíduos ou grupos se encontram sempre permeadas e se configuram e reconfiguram-se sob a presença direta ou indireta do medo. São, deste modo, as formas que assumem o medo, enquanto processo social geral e específico de cada relação, que administram uma boa parcela dos sentidos e dos significados atribuídos ou adquiridos na conformação social oriunda ou proveniente de uma ação relacional dada.

O MEDO COMO TRANSGRESSOR E O ESPÍRITO DE AVENTURA: A EMERGÊNCIA DO INDIVÍDUO MODERNO

O medo não apenas provoca o estado de paralisia frente a um outro agressor, mas também parece provocar atitudes que visam à transgressão, a simulação e a recriação de formas de sociabilidade. Formas de ação social, imperceptíveis ou não, que desmontam no cotidiano o ordenamento instituído e recriam ou refazem permanentemente, uma nova possibilidade de viver socialmente no interior da ordem dada, pela forma assumida ou manifesta da relação¹. O viver nas franjas do sistema e o situar-se no complexo de ordens e normas na vida prática ordinária, parecem possibilitar um desabrochar de situações,

em explosões efêmeras ou duradouras, que reelaboram o instituído em um emaranhado de outras novas significações. Reelaborações de cunho imediato ou não, de busca de sobrevivência e integração, ou de melhor adequar-se aos parâmetros estabelecidos por uma organização social, parece ser um elemento contínuo da vida social em situações onde o medo é um elemento categorial de mão dupla. De um lado, como prática de imposição associativa, de normas e regulação, de outro lado, como fundamento de negação desta imposição para um melhor ajustamento a ela, ou mesmo de sua superação. Uma ou outra levando os indivíduos em interação a montagem de exercícios de leituras diferenciais sobre o conjunto de imposições que delimitam o comum organizacional ou de uma cultura, tendo o medo como parâmetro. O medo de não ser bem aceito, o medo de sentir-se estranho, ou o medo de sucumbir às normas revelando-se e, como tal, sentindo-se embaraçado (GOFFMAN, 1989) e delas escapulindo pela negação.

Telles, (1984 e 1990), Thompson (1979), Weil (1979), Arendt (1978, 1992, 1994a e 1994b), Koury (1986, 1988, 1994), Koury et al. (1989), entre outros, trabalharam com situações concretas de medo, ou de imposição de sistemas eficazes de medo, buscando compreender como se dá à transposição deste medo na vida prática e organizativa dos indivíduos ou grupos sob ordens totalitárias ou totalizantes. Embora não enfoquem o conceito de medo diretamente em suas análises, trabalham com a recriação da ordem em momentos de quebra de estados de direito, ou de situações de controle social rigoroso, em formações sociais específicas.

Um outro significado do medo como transgressor é o espírito aventureiro que provoca os indivíduos ou os grupos para romperem com limites ora instituídos como finais ou sentidos como de imposição. Esta eficácia da aventura na significação simbólica da construção social e individual faz parte do imaginário social de toda e qualquer forma de sociabilidade. Seja esta considerada por parcelas de indivíduos ou de grupos, como uma forma de ação positiva ou negativa.

¹ Ver, entre outros estudos, Delumeau (1989), Darnton (1988), Chauí (1993), Foucault (1988) e Bobbio (1991).

A demonstração de força física ou espiritual, por exemplo, fazem de indivíduos ou grupos exemplos a serem seguidos ou renegados. Permeiam o imaginário individual e social como formas idealizadas de ação de grupos e pessoas como um tipo mítico ou como formas ou fórmulas simbólicas de alguém ou de processos que venceram, ousaram, ou não se intimidaram com a composição imposta a limites quaisquer. No caminho da aventura parece se assentar à conformação do indivíduo na modernidade do Ocidente.

No imaginário da conformação ocidental moderna e da emergência do indivíduo nesta modernidade européia está presente toda uma mitologia que indaga esta transgressão dos limites, individuais e sociais, na conformação de um outro social ou na afirmação de interesses pessoais ou grupais (KRISTEVA, 1988; DELUMEAU, 1989). O exemplo do cristianismo e da figura de Jesus Cristo, passando pela odisséia de Ulisses, até figuras recentes como o Che Guevara e alguns mitos das revoluções ou ensaios revolucionários contemporâneos, recontam essa trajetória do não se deixar deter ou intimidar por forças limitantes presentes dentro de si mesmo. Construções narrativas onde o medo da dor e da morte pessoal, ou fora de si, onde idéias de monstros, demônios e de desafios sociais, naturais ou sobrenaturais, considerados difíceis ou impossíveis de serem superados (PAGELS, 1996) são enfrentados como atos heróicos ou sacrificiais.

Atos que impõe o feito individual para a sociedade ou sobrepõe o indivíduo sobre o social e, através de sua ação, resgata a humanidade nele fragmentada como ação heróica. Ação individual ou de grupos, mas sempre de alguns sobre os demais. O que ao mesmo tempo que mobiliza, serve para paralisar e amoldar.

A idéia do sacrifício pessoal é um dos elementos fundamentais da constituição social do indivíduo e da sociedade na modernidade. Durante o final do século XVIII e todo o século XIX, até os anos setenta do século XX, a idéia de construção social estava assentada, na idéia da

aventura como fundamento do progresso e da transformação social. O espírito de aventura, de sobressair-se aos demais e sobre eles pairar como exemplo estava embasada na e através da idéia de sacrifício individual, ou de instâncias grupais, como forma de ajustamento ou supressão de uma ordem. Desta forma, lutava-se pela integração das massas à modernidade e à cidadania ou simultaneamente pelo seu contrário, a superação desta sociabilidade por uma outra mais humana. Como se lutava pelo fim da opressão e o advento de uma nova ordem, tendo como pano de fundo, ainda, a construção do futuro pela abnegação do individual. Nas duas formas a preocupação era com o desvendamento do segredo que alienava as massas do poder e a vontade de ampliar este poder ou dar autoridade às massas. Sempre a partir da ação individual ou grupal, um partido, por exemplo, visto como unidade de ação.

A partir dos anos setenta do século passado, por outro lado, parece se ampliar no Ocidente à esfera do prazer imediato, via consumo de massa, como possibilidade de realização do indivíduo². Esta individualização de cunho individualista vem à tona com as perdas de referenciais paradigmáticos de construção do futuro e por uma nova forma desejante de realização pessoal. Uma e outra descambando em processos individualistas de competitividade, de concorrência e de resultados a curto prazo.

² É bom frisar que a discussão da presentificação do homem moderno, que rompe com a tradição e vive em um correr sem fim para o futuro, como uma espécie de nostalgia melancólica de um passado perdido não se sabe bem onde ou quando, e que não se pode retornar e nem olhar para trás sob ameaça de morte, já era discutido nos escritos de Benjamin (1985a e 1985b) na primeira metade do século XX, e diagnosticado por Marx, Durkheim, Simmel e Weber, sob pressupostos diferentes no final do século XIX e início do XX. A esfera do prazer imediato, via consumo de massa, como possibilidade de realização individual, de que se fala aqui, contudo, parece ter se dado a partir das redefinições do capital internacional no final dos anos de 1960 e decorrer dos anos de 1970, e das rebeliões estudantis em Paris e dos movimentos hippie e da contracultura nos Estados Unidos e no resto do mundo ocidental, tal como analisado por Marcuse (1968 e 1967), entre outros.

O que parece ocasionar, além da ampliação da interiorização dos sentimentos no homem contemporâneo e de um maior estranhamento do outro e uma maior solidão individual, um novo advir de práticas simbólicas regenerativas do social. Práticas simbólicas estas associadas à construção de novos modelos paradigmáticos, que de novo possibilite a remontagem do coletivo³. Ou a possibilidades de reconstruir práticas interativas, olhadas no hoje como artificiais e perdidas na concorrência individual e estéril no interior da sociabilidade capitalista contemporânea. Ou, ainda, a organização simbólica dos conteúdos desta prática individualista, e a re-institucionalização do religioso no dia a dia de indivíduos ou grupos sociais extensos.

Processos que aparentemente buscam romper ou restaurar a instituição de uma ordem social sentida como sufocante. Tanto pela primazia do social na vida dos indivíduos e grupos, quanto pela individualização crescente da esfera do privado sobre a vida pública, acarretando uma nova corrida a ressacralização das práticas sociais.

ESTRANHAMENTO, INDIFERENÇA E SEGREDOS: A REPRODUÇÃO DE SOCIABILIDADES E DE INDIVIDUALIDADES

A problemática do estranhamento, necessário a constituição de uma sociabilidade e de uma individualidade qualquer, é um outro aspecto da constituição e ação ambígua dos medos corriqueiros aqui trabalhados. Questões podem ser levantadas como relevantes à compreensão de até que ponto o um, ou este semelhante, detém a igualdade proporcionada pela posse do segredo do outro? O que provoca e como se institucionalizam os germens de hierarquização e administração das diferenças entre indivíduos ou grupos colocados em uma mesma posição, ou de posse de

um mesmo segredo? Se o estranho parece intimidar e provocar reações sociais que visem à indiferença e a sua exclusão (GOFFMAN, 1989; HELLER, 1983; KOURY, 1998), também provoca reações de proximidade e busca de semelhança que levam a assimilação e a composição conjunta a uma esfera discursiva dada.

Nos dois casos, está se tomando como possibilidade de ação social as configurações relacionais postas em andamento por indivíduos ou grupos em jogo. O que, se por um lado, e esta é uma das hipóteses centrais deste ensaio, estabelecem configurações entre indivíduos ou grupos sob um patamar de semelhança, por outro lado, abrigam um forte respaldo de desconhecimento para o outro da relação. O que torna a ação social em um jogo sempre visto como perigoso de união sob determinados argumentos, e de suspeição por não ter segurança completa na ou da administrabilidade desse outro. Assim, o outro é sempre uma fonte de medo a ser controlada ou a ser reconfigurada e transportada (KOURY, 1988, 1995).

Simmel (1964) discutindo o conceito de segredo e sua importância para a compreensão e formulação do social irá tocar o tempo inteiro nesta tecla da insegurança e do medo que provoca a ação, e da configuração e a remontagem dos experimentos socialmente dispostos pela ação social de indivíduos e grupos. Insegurança que, antes de indicar um aspecto negativo para a ação social, provoca em si a positividade da ação social e a especificidade desta ação como criadora de significados e suas possibilidades infinitas de se reproduzirem em novos formatos sociais e de individualidades.

Coloca o segredo e a insegurança do conhecimento global dos indivíduos, ou dos grupos relacionais, do ou sobre o outro da relação, como o momento instituinte fundamental da constituição de uma sociabilidade e do estabelecimento do singular. Vistos enquanto tentativas de experimento da diferença, ou do diferencial que assemelha homens ou grupos em ação, e, ao mesmo tempo, os assentam em um patamar de insegurança quanto o *quantum* desta semelhança. O segredo, ainda mais, pressupõe

³ Idéia de coletividade sentida, cada vez mais, como fragmentada e estressante.

o medo da traição, isto é, a forma de revelar ao outro a intimidade e singularidade de uma comunidade (de afeto, de interesses, de ou de outro tipo qualquer), como forma de desfazer esta própria comunidade pelo desmascaramento daquilo que simbolicamente diz sobre a sua especificidade e unicidade frente às demais. Comunidade de interesses e de conformação vista, neste trabalho, a partir da relação social mais fundamental, isto é a díade, até as conformações mais complexas de um social qualquer.

A possibilidade de traição, porém, antes de anestesiar os membros de uma comunidade apenas, parece provocar, de um lado, a centralização e busca de eficácia do controle dos membros internos dessa comunidade de segredo à guarda e manutenção do mesmo e, do outro lado e ao mesmo tempo, para ganhar sentido da própria eficácia do segredo entre os comuns, o controle parece se fazer ou se exercer sob uma possibilidade de traição. É a traição, em termos últimos, o elemento que assegura em boa medida, junto às práticas ritualísticas de revisão e revisita ao segredo, a irmandade dos membros de um grupo específico. É a possibilidade de traição, também, que revitaliza a produção e reprodução do segredo e da semelhança, pela possibilidade da vigilância sobre as suas realizações práticas, reais ou possíveis. É o medo de trair ou de se sentir traído, em última instância, que leva os indivíduos em interação a ensaiar o próprio exercício da semelhança, ou a busca de novas formas discursivas no interior ou no exterior de uma comunidade específica.

Do mesmo modo que a revelação do segredo possibilita a traição, leva também a eficácia e a permanência deste segredo, ou do secreto, em si mesmo, pela possibilidade de ampliação para novos membros. Aos novos membros propostos pela revelação, contudo, se instaura uma prática de fora e de dentro de si próprios relativa a confirmação da sua fidelidade ao segredo revelado e da não recaída às ações e ensaios anteriores de onde adveio. São as práticas ritualísticas de inclusão a um tipo específico de sociabilidade e seus segredos, bem conhecida dos antropólogos pelo nome de rituais de iniciação ou passagem.

A revelação ofertada ou antevista ao novo membro, individual ou grupal, abre, assim, uma possibilidade de inserção ritual e simbólica a prática comum desta comunidade (GIRARD, 1990), e leva, ao mesmo tempo, a uma reconfiguração deste ser às estratégias do seu passado, a ser revisto e revisitado através da nova revelação. O que satisfaz e modifica o plano de vida individual e grupal, para uma nova ordem organizacional socialmente dada. O que pode exacerbar, de um lado, as inseguranças próprias do rompimento da ou com a velha ordem e, por outro lado, o receio sobre as formas e a extensão de sua inclusão à nova ordem ou ordenamento social, e da manutenção dos novos valores, em ambos os lados, o medo configura-se como uma prática ritual e simbólica a ser vencida e sua presença como um teste de sua confirmação à revelação de que foi sujeito e significado.

CONCLUSÃO

Este trabalho partiu da hipótese de que o medo é uma construção social significativa e fundamental para se pensar os processos de sociabilidades e de formação dos instrumentos da ordem e da desordem em um social qualquer. O objetivo deste trabalho, assim, foi o de discutir e compreender as bases da construção social do medo no imaginário do homem comum, como parte do pressuposto de que o medo é uma relação social significativa à compreensão das formações societárias.

Partiu da compreensão das bases da construção social em que se assentam os códigos do silêncio e da discricção trabalhados por Elias, enquanto configurações social e psicológica de retraimento e subordinação e do processo disciplinar ou da paralisia social ou individual por eles provocado. Bem como, das relações entre indivíduos ou grupos, aqui entendidas, como sempre permeadas sob a presença direta ou indireta do medo.

A problemática do estranhamento, foi um outro aspecto discutido neste trabalho sobre a constituição ambígua dos medos cotidianos que informam e conformam a vida ordinária. Simmel parece discutir a noção de segredo através do aspecto de mão dupla que este conceito permite. O da insegurança e do medo que provoca a ação, e o da configuração e a remontagem dos experimentos socialmente dispostos pela ação social de indivíduos e dos grupos sociais. Nesta via de mão dupla sobressai o fenômeno da possibilidade da traição como um elemento a mais a emoldurar as ações societárias e individuais.

A possibilidade de traição, porém, é aqui entendida através da centralização e da busca do controle dos membros de uma comunidade de segredo à guarda e à manutenção do mesmo e, simultaneamente, através da ação de garantir sentido à eficácia própria do segredo, antes de apenas anestesiar os membros de uma comunidade. A ação social e socializadora e os caminhos de sua negação ou de sua imposição, assim, parecem se fazer ou se exercer sempre sob uma possibilidade de traição. É o controle do medo ou sobre o medo de traição que parece se assentar, por fim, os códigos conformadores ou transformadores de uma instância societal qualquer.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Eichmann in Jerusalem: a report on the banality of evil*. New York: Penguin Books, 1994.

_____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *O Sistema totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

_____. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *OBRAS escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1, p. 165-196.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a Obra de Nicolai Leskov. In: *OBRAS escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1, p. 197-221.

BOBBIO, Norberto. Três textos sobre a violência. *Revista USP*, n. 9, 1991.

CHAUI, Marilena. "Sobre o medo". In: Sérgio Cardoso et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 35-76.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ECKERT, Cornelia. Antropologia do cotidiano e estudos das sociabilidades a partir das feições dos medos e das crises na vida metropolitana. *Horizontes Antropológicos*, n. 7, 1998.

_____. *Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo contemporâneo: ensaio integrado CNPq*. Porto Alegre: 1997.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990/1993. 2v.

FIORIN, J. L. Algumas considerações sobre o medo e a vergonha. *Cruzeiro Semiótico*, n. 16, p. 55-63, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história das violências nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1988.

FREITAS, Décio. *O maior crime da terra: o açougue humano da rua do Arvoredo: Porto Alegre, 1863-1864*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

GIACOMAZZI, Maria Cristina Gonçalves. *O cotidiano da Vila Jardim: um estudo de trajetórias, narrativas biográficas e sociabilidades, sob o prisma do medo na cidade (Porto Alegre, RS)*. Tese (Doutorado) - UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 1997.

- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GOFFMAN, Erving. *Representações do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- HELLER, Agnes. *Sobre os instintos*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro et al. *Violência e justiça*. *Cadernos da ASPE*, v. 1, n. 1, p. 1-54, 1989.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *As violências invisíveis: Paraíba 1993*. *Política & Trabalho*, n. 8/10, p. 3-12, 1994.
- _____. Mauro Guilherme Pinheiro. *Diferenciação entre o bem e o mal: pobreza, violência e justiça*. In: MOTTA, Alda Brito da et al. *Nordeste, o que há de novo*. Natal: Editora Universitária, 1988. p. 147-150.
- _____. *Fotografia e a questão da indiferença*. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). *Imagem e Ciências Sociais*. João Pessoa: Universitária, 1998. p. 67-86.
- _____. *Ser discreto: um estudo do Brasil urbano sob a ótica do luto*. Relatório final de pesquisa apresentado ao DCS/UFPB, João Pessoa, GREM, 2001.
- _____. *Olhares sombrios sobre a cidade: a pobreza urbana através da fotografia*. *Cadernos do CEAS*, n. 158, p. 61-67, 1995.
- _____. *Pobreza e cidade: as tentativas de regulamentação dos homens pobres no nordeste, 1889-1920*. *Cadernos do CEAS*, n. 106, p. 36-46, 1986.
- KRISTEVA, Julia. *Histórias de Amor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LOTMAN, I.M. *Semiótica dos conceitos de vergonha e medo*. In: *ENSAIOS de Semiótica Soviética*. Lisboa: Horizonte, 1981.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- _____. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- PAGELS, Elaine. *As origens de satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- SIMMEL, Georg. *The Secret and the Secret Society*. In: WOLF, K. H. (Org.). *The sociology of Georg Simmel*. New York: Simon & Schuster Inc., 1964. p. 307-376.
- TELLES, Vera da Silva. *Espaço público e espaço privado na construção do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt*. *Tempo Social*, v. 2, n. 1, p. 23-48, 1990.
- _____. *A experiência do autoritarismo e práticas instituintes*. Dissertação (Mestrado) - USP, São Paulo, 1984.
- THOMPSON, E. P. *La economía moral de la multitud en la Inglaterra del siglo XVIII*. In: *TRADICIÓN, revuelta y consciencia de clase*. Barcelona: Critica, 1979. p. 62-134.
- TIRELLI, Cláudia. *Cartografia social da violência: estudo sobre a criminalidade na região metropolitana de Porto Alegre - 1988/1995*. Dissertação (Mestrado) - UFRGS. PPGS, Porto Alegre, 1996.
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.